

Beleza convulsiva tropical*

Giselle Beiguelman, 2014

Os trópicos parecem conspirar contra a memória.

A rebeldia, a força e a exuberância da vegetação têm uma potência que engole as pedras, corrói o concreto, infiltra-se, toma os espaços e subjuga o que estiver a sua volta.

Aqui prevalece um estado de beleza convulsiva, uma tensão permanente entre a natureza e a técnica, uma batalha úmida, macia, violenta e vigorosa.

Penso nisso com uma certa frequência. Desde que passei a trabalhar em um edifício modernista completamente vilipendiado pela história e pelo clima. O prédio da FAU – Faculdade de Arquitetura e Urbanismo – da USP.

Agrada-me um conceito que permita lidar com a ruína sem melancolia, sem romantismo, enxergá-la como evidência do tempo em ação, da matéria em movimento.

Beleza convulsiva...

Beleza convulsiva é uma formulação do Andre Breton, o poeta e mentor do surrealismo. Aparece em dois poemas e em um dos manifestos que ele escreveu. Tem uma definição mais enxuta – “A beleza será convulsiva ou não será” – e outra mais detalhada: “A beleza convulsiva será erótico-velada, explosivo-fixa, mágico-circunstacial ou não será”.

A primeira aparece em *Nadja*, de 1928. Gosto mais. Estilisticamente. Mas a segunda é a mais perfeita tradução de Salvador:

A cidade respira essa ideia “erótico-velada, explosivo-fixa, mágico-circunstacial”. É seu ar. Seu horizonte imaginário.

Sequências de ruínas urbanas atropelam a paisagem o tempo todo. Encortiçados ou abandonados, os seus antigos casarões são devorados por plantas viçosas, muito verdes e felizes.

A luta do asfalto contra as samambaias parece sem fim.

* Texto usado na narrativa em áudio na intervenção realizada no Arquivo da Bahia, no módulo Arquivo e Ficção (curadoria de Ana Pato) na 3ª Bienal da Bahia (2014). As peças sonoras (stereo, 18'40") foram incorporadas ao acervo do MAM da Bahia.

Como seria Salvador sem suas casas centenárias em decomposição?

Seria Salvador ainda?

A Quinta do Tanque

Difícil entender a relação de Salvador com seu passado. Ele parece persistir como ancestralidade, na devoção, sagrada e profana, que emana de todos os seus pontos. Mas não como tempo histórico.

O passado aí é uma espécie de vibração, de corrente que se propaga pelo presente. Apesar dele e a despeito dele.

O Arquivo do Estado da Bahia fica lá. Em um solar do século 16 onde o Padre Antonio Vieira, aquele que transformou o sermão em literatura e que se contrapôs à Inquisição, morou.

O lugar é afastado do centro. Sempre foi. É a antiga Casa de São Cristóvão, mais conhecida como Quinta do Tanque. Espaço de retiro dos padres jesuítas desde nos idos do 1500 e tantos, tornou-se bairro periférico.

O motorista de táxi que me levou a primeira vez lá, perdeu-se muito para chegar. Nunca havia ouvido falar dali. O endereço não lhe dizia nada. Outros táxis, passantes, donos de bancas e gente botecos no caminho, para quem recorremos, tampouco situavam-se.

É na Rua Quinta dos Lázaros..., eu dizia, conferindo a mensagem de texto que me confirmava o destino no celular.

Ninguém sabia onde ficava.

Mas também, que nome...

Depois de uns tantos telefonemas e uma espécie de GPS oral feito por algum funcionário do Arquivo ao motorista, chegamos.

__Na próxima vez, diga que vai ao posto em frente ao cemitério. Todo mundo conhece, me aconselha o motorista.

Anotado. Não entendi, mas copiei. Depois me deram outra dica infalível: diga que vai para lá, perto da maternidade. Nunca entendi, como alguém adivinharia que maternidade, mas enfim, em

Salvador, tudo é possível. Desde que se tenha fé. Ao menos, parece.

Desço do taxi. Sensação de estar no meio do nada. Rua estreita, movimentada naquele ponto, mas vazia acima e abaixo. Alguns imóveis deteriorados, caindo aos pedaços, outros bem pintados. Conjunto sem presença ou vestígio de qualquer coisa arquitetonicamente muito relevante ou notável.

Tudo estranho. Tudo feio.

Isso durou um tempo. Até eu cruzar o portão.

O jardim arborizado e frondoso, o pátio amplo, a visão ao fundo de um chafariz, um casarão tipo solar, cujo segundo andar não se sabe ao certo quando foi construído. Tudo me indica que é um puxadão. Não consta da planta original, mas Padre Antonio Vieira caiu de lá, segundo um documento que fala de uma queda em uma escada. Portanto esse segundo andar existe pelo menos desde o século 17 e deve ser o primeiro puxadinho ou puxadão da História do Brasil.

Me dou conta que estou na tal da Quinta dos Padres, ou Quinta do Tanque, como historicamente é bem conhecido esse edifício sóbrio, mas pintado de cor de rosa... Uma bela visão. Surpreende.

Sinto-me dentro de um filme.

Parece um filme. Não é. Mas poderia ser.

Essa área, onde hoje está o arquivo e que já foi muito maior, era agrícola. Uma quinta propriamente dita. Cultivavam-se lá várias espécies. Laranja, canela, pimentas, mandioca, muitas coisas.

Os textos sobre a história desse lugar sempre exaltam sua beleza nos tempos coloniais. É bonito mesmo. É patente que já foi mais.

Em um deles, conta-se que na época dos jesuítas, a propriedade tinha um sistema hidráulico muito sofisticado que abastecia o interior do edifício. Utilizava, para tanto, as águas de uma fonte da encosta que apoia parte do edifício. Além disso, na parte baixa do terreno, as águas das abundantes nascentes eram represadas, formando o "tanque" que deu nome a essa quinta.

Pode ser exagero, mas há quem diga que esse tanque era de dimensões consideráveis, sendo até navegável com pequenas canoas. Se chegava a tanto, não sei. Mas o fato é que água não é um problema nesse local.

O problema é pensar que hoje um arquivo público, o segundo mais importante do Brasil, com documentos que remontam ao período colonial, documentos únicos, manuscritos, mapas desenhados, processos, enfim todo um repertório documental e de cultura material acumulado do país, está aí.

O sofrimento desses papéis tão delicados e preciosos diante de sua exposição à umidade com que convivem na Quinta do Tanque, contrasta com o bem que faz à vegetação.

Enquanto as jaqueiras explodem seus frutos em verdadeiro exercício de desafio às leis mais elementares da gravidade e do bom senso, os coqueiros se espraiam, as nascentes brincam e as águas vão subindo pelas paredes.

É Beleza convulsiva mesmo...

A Quinta dos Lázaros

Mas quem anda pelos seus corredores pela primeira vez, digo pelos corredores do Arquivo, sente que há algo que pesa. Trabalhei muitos anos em arquivos e o convívio com documentos que apesar de históricos, dizem respeito a vidas de pessoas que não conhecemos, sempre me perturbou. É um sentimento um pouco parecido com o que sentimos quando caminhamos em um cemitério: que direito temos de visitar os mortos que não são nossos?

Mas no Arquivo da Bahia o peso é parece maior. Logo na entrada, há um busto do padre Antonio Vieira que antes de deixar esse lugar para ir morrer no centro de Salvador, escreveu: Adeus tanque não vou buscar saúde nem vida, senão um lugar mais sossegado e quieto. Era um prenúncio do falecimento, mas talvez também do que viria a suceder.

Quando os jesuítas foram expulsos do Brasil, por ordem do Marquês de Pombal, em 1758, quase cem anos depois da morte de Vieira, seus bens foram sequestrados. A Quinta do Tanque passou para o domínio da Coroa portuguesa e seu terreno, de seis hectares, foi à leilão. Adquirido [em 1762] pelo governo, passou a ser leprosário, nome dado às colônias onde ficavam isolados os doentes contaminados com hanseníase.

Vem daí a denominação de Quinta dos Lázaros para a Quinta do Tanque e também para o cemitério que fica à sua frente e é visível dos janelões do prédio que hoje abriga o Arquivo.

Nesse cemitério, o mais antigo de Salvador, construído há mais de 200 anos, estão, dizem, os túmulos de Lampião e Maria Bonita, e os de Cosme de Farias, da renomada cozinheira Maria de São Pedro, que deu seu nome ao famoso restaurante do Mercado Modelo e o guerrilheiro Carlos Marighella, a que visitei. Tudo ali me espantou. A miséria, as imagens de depois e do além num cenário urbano digno de Glauber Rocha. Uma terra em transe, entre deus e o diabo sob muito sol.

O cemitério da Quinta dos Lázaros, no bairro da Baixa de Quintas, foi criado no ano de 1785. Com 52,5 mil metros quadrados, o equivalente a cerca de sete campos de futebol, possui área construída de 19,2 mil m², dos quais apenas 6.000 metros quadrados estão disponíveis para sepultamentos em covas rasas (de chão) e de indigentes e crianças de até três anos que são enterrados em espaços específicos para serem depois removidos. Não tive coragem de querer saber para onde e como.

Para além do assombro e do horror, intriga-me essa relação entre espaços de natureza tão distinta e ao mesmo tempo tão semelhantes. Olhando, de dentro do Arquivo, pelas suas janelas, o cemitério e os paredões de jazigos temporários, impossível não perceber como arquivos e cemitérios são parecidos. De um lado, gavetas de documentos. De outro, gavetas de corpos, inicialmente provenientes do leprosário que funcionava neste prédio que hoje abriga o Arquivo do Estado.

É impossível imaginar o sofrimento dos doentes naquela época. Cheia de estigmas sociais, a hanseníase é uma das moléstias mais carregadas de preconceitos e circundada de mitos e ignorâncias de toda ordem. Fico pasma com a perenidade no imaginário coletivo das imagens bíblicas sobre Lázaro -- o mendigo que tinha o corpo coberto pelas chagas da lepra.

Espanta-me como são introjetadas em nossa mentalidade fórmulas higienistas do século 19 que transformaram o doente contagioso em uma espécie de morto civil e social.

Lembro-me de ter aprendido muito pequena, em casa, com meu pai, Bernardo Beiguelman, que o correto é falar hanseníase. Geneticista, ele realizou importantes pesquisas no tema. Termos como leproso e mal de Hansen não usávamos por terem conotação pejorativa. Meu pai não gostava e insistia em que falássemos hanseníase.

Não era cisma nem exagero de meu pai. Para se ter uma ideia do tamanho do preconceito que envolve a doença, conto que os porteiros do prédio em que morávamos evitavam nossa correspondência, pois meu pai recebia cartas de pacientes. Acreditava-se que o simples contato com os envelopes contaminaria quem os tocasse. Se isso acontecia nos anos 1970, imagine o horror que deviam ser essas instituições no fim do século 18.

A situação como um todo, um espaço de reclusão – o do retiro dos jesuítas -- que se transforma em um espaço de exclusão – o local de confinamento dos leprosos – parece um enredo escrito pelo filósofo francês Michel Foucault, que se dedicou ao estudo das formas de vigiar e punir como tecnologias de criação de poder sobre o corpo e a vontade do outro ao longo da história.

E essa impressão fica ainda mais forte quando se lembra que o casarão, onde hoje está o Arquivo, foi palco de diversos eventos que performatizam a tensão entre controle e descontrole, institucional e informal, cultura e natureza, desde sempre.

Li que processo de Independência da Bahia, conquistado a custa de muito sangue, quase um ano depois do silencioso e pacífico 7 de setembro de 1822 no Ipiranga, em São Paulo, e outras revoluções como a Sabinada, tiveram articulações traçadas entre suas salas. O local, quando ainda era Quinta dos Lázaros, foi também refúgio de negros apreendidos na repressão ao tráfico negreiro.

Enfrentando sérios problemas financeiros, o terreno foi dividido, em 1834, em quarteirões e teve partes arrendadas. Mas durante todo o século 19 e até o fim dos anos 1930, o prédio continuava a servir de hospital dos então chamados “lázaros”.

Acompanhando, nos anos 1930/40 os novos métodos de higienização social do Estado Novo de Getúlio leprosário foi transferido para a Fazenda Águas Claras. O combate à hanseníase se tornou sistemático. Em sintonia com as diretrizes ideológicas da Alemanha nazista, os doentes eram denunciados às autoridades, caçados em casa, suas famílias eram perseguidas pelo Estado e, eram compulsoriamente isolados.

A Fazenda Águas Claras deu origem ao Hospital Dom Rodrigo de Menezes, em homenagem ao governador que no fim do século 18 havia criado o Asilo de Quintas.

Construído em terras adquiridas em 1938, o Hospital foi inaugurado em 1949, como Hospital Colônia para acolher 83 hansenianos

vindos do Asilo Secular de Quintas, onde estavam segregados e abandonados pela sociedade e pelas famílias.

Projetado como hospital de isolamento, com 230 leitos, o antigo Hospital Colônia fica em uma área de mais de 350mil metros quadrados, que além do prédio do hospital, incluía casas geminadas, presídio, manicômio e celas de cadeia.

O Arquivo

Com a mudança dos doentes para Águas Claras, o casarão da Quinta do Tanque caiu em total abandono por décadas. O terreno foi invadido por todos os lados. Por moradias e pelo mato. É quase um exercício surrealista abrir as janelas de várias salas do arquivo.

Enormes, coloniais, elas ficam hoje a palmos de distância do interior das casas das favelas que ocuparam ao longo dos anos o terreno. O confronto subjacente à tensão entre tecnologia e natureza que reverbera as convulsões da beleza tropical, se repõe e se atualiza como o embate entre formal e informal que é Salvador, que é o Brasil.

Quando digo que o prédio e seu terreno ficaram abandonados por décadas, não exagero. Foram quase 50 anos...

Foi só depois ser incluído em proposta de valorização de monumentos baianos, em meados dos anos 1970, que se inicia a restauração do prédio Quinta dos Padres. Na gestão do então governador Antonio Carlos Magalhães, "o acervo do órgão fundado pelo governador Manoel Vitorio Pereira em 16 de janeiro de 1890", é transferido para Baixa de Quintas. O prédio histórico dos jesuítas transforma-se no Arquivo Público do Estado da Bahia.

Mudanças de instituições desse perfil são sempre perigosas, pois podem implicar perda de materiais únicos sem reposição, como toda a documentação relacionada ao Deops (Departamento Estadual de Ordem Política e Social) baiano, desaparecida até hoje. Não se sabe se durante a mudança ou antes.

O fato é que os anos se passaram e o Arquivo continuou nesse lugar, entre o abandono e o cuidado de seus funcionários. Há três anos não se pode acender a luz no prédio, pois há risco de incêndio.

Poucas semanas antes da inauguração da exposição Arquivo e Ficção, da 3ª Bienal da Bahia, iniciou-se sua reforma. Mas essa já é um outra história. De beleza convulsiva e tropical.